

Convidado a Israel por ocasião da exposição de algumas de suas obras, Candido Portinari retornou no ano passado com a série de desenhos reunidos neste livro. Como se verá sem dificuldade, alguns são anotações tomadas diretamente do natural com a intenção de recolher uma documentação útil; outros, ao contrário, são as primeiras reelaborações de impressões e ideias.

Em sua passagem por Roma, antes de regressar ao Brasil, o pintor me mostrou esses desenhos e falou longamente, com entusiasmo, sobre o que havia visto; suas observações eram coloridas, poeticamente ingênuas, inteligentíssimas como sempre, e como sempre não tinham menor valor do que sua obra figurativa. Camponês e extremamente sensível aos problemas sociais, ele havia sido profundamente tocado pelo heroísmo desse povo de eternos pioneiros, pertencente a uma das civilizações mais antigas e orgulhosas, que, em meio à hostilidade ameaçadora e premente de outros povos igualmente ciuosos de suas tradições milenares, está empenhado em pôr corajosamente em prática uma nova forma de valorização coletiva da terra. E isso na mais simples e serena harmonia, em comunhão de riscos e sacrifícios entre homens que vêm de todas as partes do mundo e pertencem a classes sociais muito diversas, nos confins de um deserto que vai sendo resgatado pouco a pouco ao preço de um esforço sobre-humano que só uma confiança tão grande torna possível. Uma confiança consciente, apaziguada, que estabelece um contraste surpreendente com a agitação cheia de armadilhas que o cerca.

Este Éden perturbado, este Éden de amanhã para uma humanidade melhor, exaltou as esperanças de Candido Portinari que, em sua alma e em seus desenhos, fez viver em conjunto israelitas sábios de longa barba branca e árabes misteriosos, reuniu camelos e bicicletas, tratores e pequenos burros sobrecarregados nos novos campos, grandes condutos de aqueduto e cabras magras nas zonas desérticas, pobres que choram lágrimas atônitas e crianças ignorantes, velhas muralhas e cidades muito modernas. Uma síntese estranha e fascinante que chega a uma altíssima unidade poética.

É assim que nasceu este livro, espontaneamente, do acervo de desenhos, e é assim também que nasceu a ideia de comentá-los um a um com os versículos do Antigo Testamento. Parece-me que realmente as flores da primeva sabedoria humana convienem perfeitamente à arte muito moderna e humana de Portinari, cuja obra — seja fresco de grandes dimensões ou desenho de álbum — mergulha suas raízes no amargo terreno da vida sofrida e desenvolve-se muitas vezes com extrema crueza, sem deixar nunca de elevar sua acusação com uma intenção construtiva, moral e universal; portanto, verdadeiramente bíblica. E creio que este homem, por espírito, por experiência, por capacidade enfim, é particularmente adequado para expressar, através de seus signos mágicos, o terrível sofrimento do povo hebraico e seu duro destino. Ele é ao mesmo tempo o digno porta-estandarte da polêmica difícil de um povo que defende desesperadamente suas razões de viver que lhe são contestadas.

Vejamos os desenhos que fiz seguir aqui sem nenhum tema determinado de lugar, data ou assunto, mas com o único critério de fazê-los alternar de modo a tornar a sequência o mais variada e interessante possível.

É fácil fazer imediatamente uma constatação: o gosto pela anotação, por mais agudo que seja, logo é dominado pelo pathos, que força a mão do artista e o conduz a compor, mesmo nas pequenas folhas de um álbum, cenas que poderiam figurar exatamente assim em quadros de grandes dimensões. Pois Portinari não pode desenhar, assim como não pode pintar, sem um significado profundo. Na introdução do livro anterior dedicado aos seus desenhos, ele já teve a oportunidade de deixar claro que, na realidade, o Mestre nunca é um verdadeiro desenhista, mas é sempre um pintor. Quando desenha, é como se estivesse preparando os elementos de uma futura têmpera, de um afresco já composto em pensamento. Eis por que este acervo israelense não se revela um álbum descritivo, mas parece antes uma obra de interpretação, de comentário e até mesmo de construção: como uma arquitetura de estilo.

Dir-se-ia que, ao traçar seus próprios desenhos, Candido Portinari pensava em ilustrar o mais universal dos livros, servindo-se dos mesmos personagens com os quais povoa suas grandes composições espalhadas um pouco por toda parte no mundo. As crianças de grandes olhos do povo ameaçado de Israel, tão frequentemente arrancado de sua terra e forçado a emigrar para outros lugares em meio a duras provações, são as mesmas crianças amadas, ignorantes e atingidas que o pintor, com um coração que participa de suas dores, tornou protagonistas de suas numerosas obras, lembrando as atróficas migrações de bandos de camponeses das regiões distantes de seu país castigado pela seca e pela fome: cenas a que assistiu em sua pobre infância na aldeia natal de Brodowski. E eis ainda cenas de uma potência bíblica. Os terríveis pobres ajoelhados e em prantos parecem personificar as lamentações de Jeremias e constituem a humanidade dilacerada do grande painel A Guerra, pintado pelo Mestre para a sede da ONU em Nova York. A matéria dos velhos sábios que no Sábado meditam os Textos Sagrados parece plasmada pelas palavras do profeta Isaías, sendo na verdade o pai e seus amigos camponeses da terra natal de nosso pintor. Os camelos são bestas fabulosas, espécie de monstros benfazejos: apesar do traço erudito, encontra-se neles o mesmo espanto ingênuo, a mesma fantasia que se observa nas máquinas surpreendidas nos campos e retratadas como instrumentos eternos, como brinquedos caídos de outro mundo. Até o espantoso beduíno flagrado de bicicleta no deserto de Neguev parece uma aparição vinda sabe Deus de onde, mas é o mesmo negro extraordinário de bicicleta pintado nos estúdios de radiodifusão Tupi, no Rio de Janeiro (vê-se bem que Portinari não é um pintor de máquinas: seus desenhos de mecanismos têm estreito parentesco com os desenhos infantis. A emoção que os gera é a mesma: barcos, tratores ou bicicletas não são de forma alguma assemblages lógicas, não são o fruto de cálculos frios e seguros; são antes seres misteriosos dotados de alma própria e bizarra). As crianças hebraicas e árabes que cantam em roda de mãos dadas encontram-se sob a bênção do Senhor segundo Isaías e constituem o sinal da fraternidade humana que desde sempre anima Portinari. Os campos cultivados de Israel, terra prometida pelo Pai, são aquilo que, filho de camponeses, ele ama acima de tudo, olhando e representando com um olhar devoto e nostálgico. O grande sol

que gira e inunda muitos desses desenhos das terras de Israel é o sol inflamado que condiciona a vida do querido Brasil.

Mas, ao desenhar, Portinari estava longe de pensar em tudo isso, assim como estava longe da ideia de que suas folhas pudessem fazer nascer, por germinação espontânea, um livro de aproximações tão solenes.

Depois de examinar o valor íntimo dos desenhos e seu significado lógico, consideremos seu interesse técnico. Uns são pretos, a lápis; outros, a tinta; os coloridos são feitos a têmpera. A propósito destes últimos, sublinho que jamais talvez como aqui Portinari empregou tons fundidos e harmoniosos, ao passo que ordinariamente prefere cores fortes e contrastantes. A construção do fundo com elementos geométricos que se cruzam — e que às vezes invadem até os primeiros planos — faz parte da técnica original do Mestre, uma técnica que parece transpor para o campo do real a pintura abstrata que apontei em meus ensaios anteriores, permitindo-lhe conferir às suas composições um movimento singular e verdadeiramente inimaginável. Portinari consegue assim pintar mesmo personagens e grupos imóveis sobre superfícies de grande dimensão, obtendo efeitos de um dinamismo notável, obsessivos e animados (coisa bem diversa da dinâmica da pintura futurista, obtida por meio da descomposition em planos sucessivos do sujeito e do meio circundante). Ao contrário, é interessante notar como em vários desenhos de traço, nos quais o artista quis evitar a excessiva geometria do assunto — por exemplo, as casas de Haifa —, ele recorreu a uma espécie de trama irregular de traços circulares no fundo. Este homem de aparência tranquila jamais se mostra imóvel ou satisfeito: busca sempre um meio inédito, algum resultado até então insuspeitado.

Quem vê Portinari desenhar espanta-se ao constatar a extrema simplicidade dos meios empregados: qualquer pedaço de papel e qualquer lápis servem. No entanto, não há nada de improvisado no trabalho que ele executa com imensa minúcia. Portinari passa longas horas traçando sobre a folha linhas em que cada uma possui um sentido determinado na composição: examinando o desenho em detalhe, notam-se os peixes na água, os pássaros na relva e tantas outras minúcias engenhosas que o divertem e conferem à obra um sabor particular, algo semelhante ao que se encontra em certas composições chinesas ou japonesas. Contudo, em Portinari jamais há caligrafia fáceis ou busca puramente decorativa: cada obra, grande ou pequena, possui um traço sempre amplo, apesar dos detalhes minuciosos de que falei, além de um sentido profundo e de uma busca introspectiva. Este "conteudismo" seria talvez o limite de Portinari como desenhista? Mas como podem desenhos obtidos dessa maneira, com esse espírito e esses meios, conseguir simultaneamente ser tão belos justamente enquanto tais? Este é um problema que eu gostaria de colocar aos mais ilustres críticos, de Cassou a Bazin, a Huyghe, a Billiet, a Coigniat, a Florissoone; enfim, aos especialistas que em todas as partes do mundo têm se ocupado extensamente do caso Portinari.

A breve estada em Israel poderá talvez ter consequências de enorme importância para a obra futura de Portinari, muito além do valor de alguns desenhos e das pinturas que certamente inspirarão.

Quando o artista empreendeu a viagem, atravessava uma profunda crise; depois de ter experimentado e tentado de tudo na pintura, mesmo ao preço de inquietações e incongruências que lhe foram apontadas pela crítica — e certamente arriscando o sucesso já conquistado —, ele havia caído na dúvida de que a arte figurativa houvera tido o seu tempo. Pelo menos no que tange à forma e aos meios tradicionais de superfícies cobertas de signos e cores, por meio de composições concretas e composições abstratas, segundo todos os nomes terminados em -ismo da história dessa arte. Portinari continuava a trabalhar da manhã à noite nos painéis para o edifício da ONU em Nova York (exatamente onde sua arte atingiu o mais alto nível), ao passo que a dúvida o corroía e amadurecia na angústia até se transformar em convicção: a convicção de que, em uma época em que imagens animadas e rápidas são transmitidas no espaço, numa era de automatismos, já não se podia criar nada de novo por meio da pintura (eis talvez uma razão para o emprego da técnica nova a que me referi há pouco, que tende a conferir um movimento inédito às composições); a convicção de que qualquer pesquisa ulterior nesse campo tornava-se, portanto, inútil. Trata-se de uma crise que afetou tantos outros artistas e levou alguns ao desespero. Mas em Candido Portinari, que com sua vitalidade, sua capacidade criativa vulcânica, sua sinceridade, sua competência e sua total sintonia com o presente é considerado um exemplo por multidões de jovens, a crise poderia ter consequências graves e preocupantes. Pois é evidente que a probidade do Mestre e seu senso de responsabilidade o conduziram a abandonar até a arte que constituiu e constitui sua própria razão de viver, se ele viesse a perder a crença no valor de sua missão.

Eis então que, num momento tão difícil como este, o destino conduz o pintor entre os camponeses de Israel que lutam por um lugar ao sol e que, para garantir o pão a multidões de crianças em rápida e constante multiplicação, transformam, não sem esforço, a areia em trigo: a revelação dessa nova epopeia o abala e reanima seu entusiasmo natural, exaltando-o. É como uma injeção de confiança que faz renascer nele o sentimento de um dever a cumprir para ajudar em tão difícil e generosa ascensão da humanidade.

Tive a ventura de conversar longamente com Portinari antes e depois de sua viagem e creio verdadeiramente ter assistido a essa renascença. Já por ocasião de viagens anteriores, realizadas após longos períodos de labor exaustivo nos ateliês fechados do Rio de Janeiro, o artista havia recuperado um fôlego novo e mais vigoroso: após respirar ares diferentes e ampliar seus horizontes, retornava ao Brasil como que "recarregado" de ideias e energia. Essa constatação eu tivera a oportunidade de fazer, em particular, há alguns anos quando, após o período angustiante da guerra que lhe inspirara uma pintura terrível e exacerbada ao ponto de conduzi-lo à beira de uma crise de excessos, ele veio à Itália numa primavera dulcíssima e visitou Chiampo, reencontrando nas terras verdes e tranquilas de seus antepassados uma paz que jamais conhecera antes. Mesmo então, parecera-me que a atmosfera calma das colinas vicentinas não podia deixar de exercer influência sobre a obra futura do pintor. E de fato, sua polêmica crua, os tons exasperados e os traços

rebeldes atenuaram-se depois em um "discurso" mais cordial: sempre trágico e incisivo em sua essência, mas um tanto mais resignado e sereno.

O amor com que Candido Portinari traçou os desenhos aqui reunidos parece-me o indício de um espírito reconstituído e de uma nova esperança: não existem apenas, no mundo, projéteis, aeroplanos e bombas; o engenho não foi monopolizado pela ciência e pela mecânica; existe também nossa mãe, a terra, os camponeses que nela acreditam a ponto de lhe confiar a reconstrução da vida e do espírito, e um germe que não deve morrer.